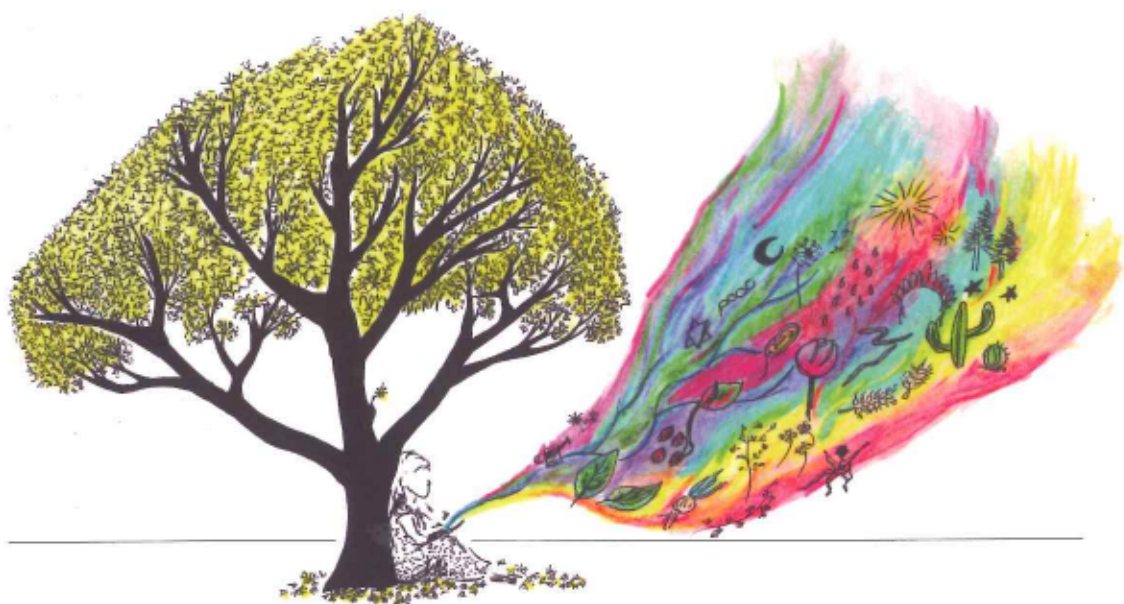


SÉRIE ANA
PRIMAVESI

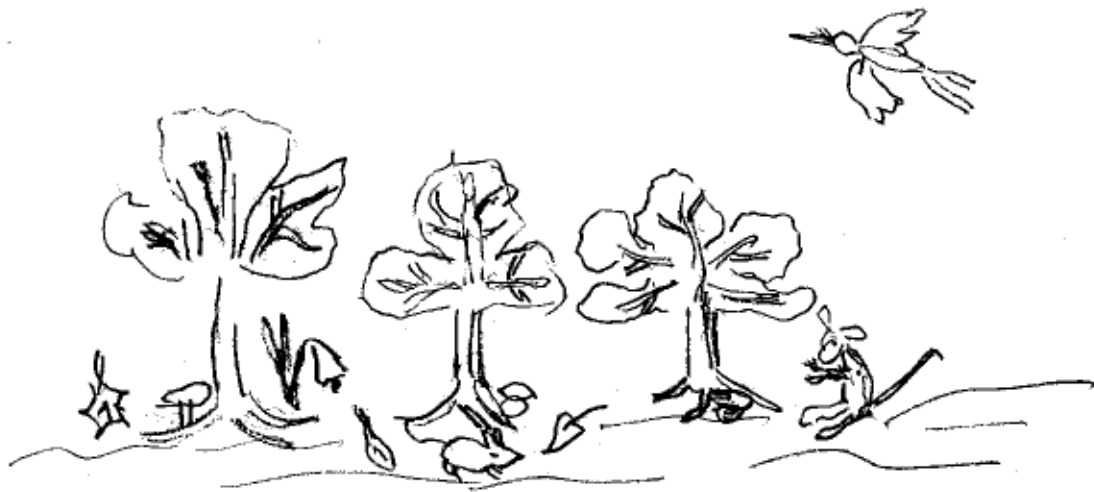


A Convenção dos Ventos

Agroecologia em contos

Ana Maria Primavesi

expressão
POPULAR



CAIARARA

Como sempre, a mata estava orgulhosamente quieta. Nenhum susurro de vento, nem o farfalhar de uma folha ou chapinhar de um Igarapé. Uma penumbra densa encobria tudo e raramente um raio de sol se perdia por entre os ramos e folhas das árvores. Somente a flautinha doce do sabiá, o chamado agudo e metálico da araponga ou o grito de um mico quebravam o silêncio.

Paquito, a arara que recém tinha recebido sua plumagem azul, inclinou a cabeça para escutar melhor. Lá estava novamente este grito assoviado e ao mesmo tempo algo rouco. Só podia ser Caiarara, seu amigo o miquinho, com seus olhos arregalados e ao mesmo tempo travessos. Voou em direção ao grito, bastante inquieto. O que teria acontecido? Já de longe Caiarara gritou agitado:

– Estão brigando!

Paquito não entendeu.

– Quem está brigando?

E enquanto tentava entender, de repente, o Ipê-amarelo onde tinha pousado jogou todas suas flores num protesto violento, de modo que uma chuva dourada pairou por alguns instantes no ar, até cobrir o chão com um manto precioso. E gritou:

– Vocês acham que as folhas e pétalas que jogamos existem somente para serem comidas e banqueteadas? Estão muito enganados. Fiquem sabendo que jogamos as folhas justamente para proteger a terra e possibilitar a maquiagem de sua pele, para que esta se mantenha fresquinha e novinha.

– Quanto amor – zombaram as bactérias e continuaram comendo. Um jacarandá-roxo entrou na briga.

– Patetas – xingou ele. – Nunca ouviram falar que pelos poros da pele da terra entram ar e água? Para nós e para vocês, para as raízes todas que vivem por aí e para as vertentes brotarem. Não sabem, por acaso, que transpiramos diariamente toneladas e toneladas de água para refrigerar nossas folhas e o ar?

– E não por último, para que chova todos os dias – acrescentou um Pau-brasil.

– Ha,ha,ha – riu uma centopeia que apareceu depois de sua sesta e que lutava para pôr em ordem todas as suas pernas ainda algo confusas.

– Vocês suam e chamam isso de transpirar; que gente fina.

O Jacarandá ficou furioso.

– Chame-o como quiser, mas de fato somente assim mantemos a temperatura amena e reciclamos a água todos os dias, tirando o calor do ar. O calor se lança sobre a água e transforma-a em vapor, e aí gasta tanta energia que se resfria. E a água evaporada sobe, se acumula, forma nuvens e, estas, quando suficientemente pesadas, caem. Aí chove. E se a água não puder penetrar mais na terra e repuser a água gasta que estava no lençol freático, não teremos mais nada a absorver e não teremos nada a transpirar, nem para refrigerar, e não choverá mais todos os dias. E aí, nós e vocês seremos assados ou fritos vivos.

Agora parecia que o Jacarandá-roxo ficou algo aliviado e Paquito arriscou-se a perguntar:

– Mas vocês não estão aqui justamente para proteger a terra e interceptar a chuva para que caia de mansinho no chão?

O Jacarandá olhou surpreso e quando viu a arara deu uma gargalhada.

– Olhe avezinha, tudo isso é tão importante para nossa vida que todo cuidado com a terra é pouco.

– E por que estão brigando, finalmente? – quis saber Caiarara.

– Tudo começou com as bactérias, meu miquinho. Estavam comendo as folhas e deveriam produzir geleia para a maquiagem da pele da terra, mas somente comiam e não produziam nada, nem um tiquinho de geleia. Então a terra protestou e com toda razão – explicou o Ipê-amarelo que adorava ser a flor da pátria, verde-amarelo, e que detestava ser chamado de pau-de-arco, como era conhecido pelos índios, por fazerem seus arcos do cerne dele.

– As bactérias ainda tinham que colar os grumos da terra e, depois, os fungos deveriam amarrá-los e a terra ainda precisava formar seus poros, e tudo isso antes da chuva cair. Às duas horas da tarde chove, como todos sabem.

– Mas as folhas não protegem a terra? – quis saber o miquinho.

– Protegem, sim, mas não fazem a água entrar na terra. É só através dos poros que entram ar e água, e sem eles não podemos viver!

– Mas, vocês não tem ar o suficiente lá em cima da copa?

– Ter, tem, mas onde eu preciso de ar mesmo, de oxigênio, é nas raízes. Elas, além de serem meus intestinos, são meus pulmões! Entendido? – perguntou o Ipê, que novamente começou a zangar-se.

– Não – disse o mico, que todavia não queria se aborrecer mais, nem queria puxar briga.

– Olha, para poder absorver água e nutrientes, eu preciso de ar ao redor da raiz. Sem ar, nem água posso absorver, e com isso morreria de fome e sede – disse o Ipê, agora um pouco mais calmo.

– Chega! – interrompeu a terra – Agora as bactérias já estão trabalhando e produzindo geleias para colar as partículas da terra e, pelo jeito, os fungos nas suas raízes estão superativos, de modo que não precisa mais se preocupar.

O Ipê ficou acanhado desde que a terra falou de seus fungos, as micorrizas na raiz, porque era um assunto todo particular dele, e que ele não gostaria que os outros soubessem. Por isso respondeu rispidamente:

– Como eu poderia viver nessa areia desgraçada sem os meus fungos?

– A culpa não é minha, mas como tem jeito para tudo, mesmo sendo areia pobre produzo mognos com 60 metros de altura e 2 metros de diâmetro – disse a terra triste.

O Ipê se arrependeu de ter dito isso e magoado a terra.

– Pois é. O projeto é bom, só que não pode haver nem a menor falha no sistema, senão tudo pifa – disse ele, se calando, logo em seguida, envergonhado.

Caiarara e Paquito se foram em busca de frutos e sementes. Embora o miquinho não pudesse voar, pulava com tanta agilidade de galho em galho que não se distanciou muito da arara. De repente, parou e ficou como que petrificado. Tinha ouvido um ruído que não era da mata. Um ruído estranho e diferente. E quando vislumbrou dois bichos estranhos,

que escondiam sua pele debaixo de alguma coisa colorida, que não era plumagem nem pelo, e que caminhavam sobre duas pernas, igual a índios, mas fazendo barulho a cada passo, emitindo sons pela boca que ondulavam e pareciam contínuos, sem pausas, Caiarara correu para procurar Paquito. Índios esses aqui não eram, disso tinha certeza. Aqueles nunca eram barulhentos. Eram quietos como a mata e hábeis como as onças.

– Paquito, Paquito, venha cá pra ver – ele cochichou.

E quando a arara quis gritar com voz alta para saber o que sucedia, Caiarara lhe fechou o bico com a mão.

– Quietos, quietos. Pode ser perigoso se eles nos enxergarem – sussurrou ele.

Paquito ficou agitado.

– Está falando de quê?

O miquinho somente mostrou com o dedo. E quando Paquito vislumbrou os dois seres estranhos, quase gritou de surpresa.

– São homens brancos! Já vi alguns num acampamento na beira do rio.

Com uma faca, um deles tirou uma porção de terra do chão e a esfregou entre os dedos.

– Como é que terra tão miserável pode dar árvores tão grandes? – perguntou ao companheiro.

Este abanou a cabeça.

– A terra não pode ser tão ruim se tem mogno, pau-ferro, jacarandá, ipê, louro, pau-brasil e muito mais.

– É pobre, quase areia pura, como na praia – insistiu o primeiro.

– Mas se dá essas árvores, deve dar pasto bom com muita facilidade.

– O que eles querem? O que é pasto? – perguntou apavorado o miquinho.

– Temos que fugir. Isso não cheira bem – disse Paquito.

O miquinho se desespera.

– Mas pra onde?

Agarrou-se ao amigo e o medo apertou seu coraçãozinho.

Vieram muitos homens brancos com motosserras que uivavam o dia todo, soltando uma fumaça preta e malcheirosa, e as árvores mais velhas e majestosas caíam todas. Caiarara olhou apavorado. Todos seus amigos já não existiam mais. Também o Ipê-amarelo tinha caído. Agora não precisava mais de ar, nem de água em suas raízes, coitado! E a terra? Quem iria protegê-la? Quem iria providenciar as folhas para seu manto de proteção, o dossel de folhas no alto e a serapilheira no chão? Quem iria fazer a geleia para sua maquiagem, para que seus poros ficassem grandes e novos? Quem iria estender os braços para interceptar a chuva a fim de não golpeá-la, mas cair de mansinho? E quem iria transpirar água para que chovesse todos os dias? Quem iria garantir o ciclo natural longo da água, retardar sua volta ao mar?

E depois veio o fogo. Paquito e Caiarara fugiram aterrorizados. De longe, ouviam o estalar da madeira que se torcia no calor e o bruxulear das chamas que clareavam o céu noturno e que lançava os troncos das árvores para o ar, devido à violência do ar quente que subia as térmicas. E mesmo estando longe, o calor era tão grande que parecia tostar-lhes os rostos e chamuscar os pelos ou plumas. E no outro dia, em lugar das folhas, uma camada grossa de cinza cobria a terra. Ela chorava. Chorava tanto que suas lágrimas brotavam como fontes no chão. E, na madrugada, um véu branco de neblina subia da terra, encobrindo-a misericordiosamente para esconder toda destruição e desolação. Era a água que iria ser transpirada pelas árvores, mas essas já não existiam mais.

E, de repente, entrou o vento. Caiarara nunca tinha sentido o vento. Encheu as narinas e fez cara feia para ter aspecto mais assustador. Mas o vento somente riu.

– Agora vai ter que conviver comigo. Não adianta querer me afugentar. Tudo mudou. Tua mata soberba se foi. Agora é minha vez. Entrou a economia humana!

Deu uma gargalhada que dava para arrepiar os pelos, uivou e levantou uma nuvem de cinza ao dar uma volta, um rodopio, pela área derrubada.

– Como eles puderam destruir tudo? Este era nosso torrão, nossa mata, nossa pátria – soluçou Paquito.

E, entre lágrimas, disse:

– Vamos embora.

Caiarara ficou perplexo.

– Para onde poderemos ir? Cada um tinha seu território que lhe pertencia e onde os outros os respeitavam. Mas nosso mundo não existe mais. Os outros tinham mais sorte. Mas quem iria repartir seu território com um fugitivo? Os outros não nos aceitarão.

Nunca houvera mais micos ou mais araras num trecho de mata do que esta não pudesse nutrir.

– Se entrarmos em território de outros vão nos matar, de certo. É a lei da sobrevivência.

– Não seja tão dramático! – consolou Paquito, cujo coração se apertou de dor.

Mas o miquinho insistiu:

– Já pensou em quantos fugiram? Onde será que foram?

E, quando as cinzas esfriaram, Caiarara cavoucou até chegar à terra, acariciando-a. Ela então, perguntou:

– O que faço, não posso ficar queimada e arrasada, nua e desprotegida. E você, miquinho?

Caiarara começou a chorar:

– Não sei não. Isso era minha mata. Não tenho mais onde ficar.

No outro dia, Paquito veio com uma nova.

– Caiarara – disse ele solenemente – tomei uma decisão. Se eles destruíram minha mata, meu território, meu lar, tudo que eu tinha, eles vão ter que me aguentar. Vou ao acampamento dos homens brancos. Melhor no cativo do que ser proscrito pelos outros animais da mata. Não fiz nada de mal e mesmo assim não me aceitam. Toda área restante de mata já está dividida e demarcada. Alguns dos fugitivos lutam pelo espaço. Eu não quero lutar, não quero matar outro para ficar com seu território. Eu vou embora. E se você não sabe mais onde ficar...

Paquito chorou de emoção e Caiarara também.

A terra se cobriu de capim-colonião. O capim ficou bonito e foi povoado por bois. Tudo ficou branquinho de tantos bois Nelore. Caiarara se escondia numa árvore na beira da mata e, de noite, andava pelos pastos. Aqui não tinha comida para ele. De vez em quando, conseguia furtar uma fruta ou alguma castanha da beira da mata, mas nunca era o suficiente para saciar a fome. Ele ficou magro e mais minguinheiro do que já era. E o seu rostinho parecia feito somente de dois olhos grandes e assustados. Sentou-se na terra e, enquanto sua barriga roncava de fome, perguntou:

– Você está boa, agora?

– Estou ruim como nunca. Ninguém mais cuida de mim. Querem apenas tirar as minhas forças, as minhas reservas. E estas sempre foram poucas. Agora, a minha pele está encrostada e sulcada. Meus poros, entupidos. A água não entra mais, mas escorre, aprofundando ainda mais os sulcos. Não tem mais folhas que me protejam, nem existem mais bactérias amigas, nem centopeias ou outros bichinhos. Sinto que estou ficando cada vez mais dura, compactada. As raízes reclamam porque não conseguem mais entrar e se aprofundar. Ficam muito próximas da superfície, sofrendo de calor e seca. As chuvas já não vêm mais como antes. Capins estranhos invadem os pastos e o capim-colonião cresce cada vez menos.

– E os donos dos pastos, não enxergam isso? – perguntou o miquinho aflito.

– Os donos somente enxergam dinheiro – disse a terra triste.

– Mas eles não reparam que se você, terra, vai mal, o capim deles vai mal, o gado deles vai mal e o dinheiro deles também?

– Homem não consegue raciocinar tanto. Consideram-me somente como suporte para seus pastos e seus adubos. Não conhecem as leis da vida e da sobrevivência.

Mas, de repente, a terra olhou o miquinho, sorriu e exclamou:

– Miquinho, está ficando velho! Está crescendo o topete na sua cabeça

– Caiarara deu um pulo de alegria. Teria dado muitos mais se pudesse espelhar-se num Igarapé. Mas estes já não existiam mais. Secaram. Água

para beber ele tirava de cipós, que cortava com os dentes, chupando depois o líquido que escorria. Mas para se espelhar não dava. E se olhar no espelho de água dos bebedouros do gado ele tinha medo. Somente levou a mão à cabeça para sentir o topete, o sinal de sua dignidade.

Certa vez visitou Paquito. Estava aparentemente contente. Somente sua plumagem não tinha mais o brilho anterior, quando ainda vivia na mata, e gritava muito e com voz rouca. Estava nervoso e irritado, mas quando viu Caiarara chorou de alegria, lhe deu comida que ainda tinha restado em sua tigelinha e não parou de olhar o amigo. O miquinho pegou o arroz e as sementes de girassol, um por um com seus dedinhos, e saboreou-as vagarosamente. Paquito o olhou atento.

– Como você ficou magro! Venha mais vezes, comida e água aqui não faltam. Sempre poderei guardar alguma coisa para você.

Lá fora o pasto ia piorando. Ia de mal a pior. Rasgaram a terra com suas máquinas grandes, plantando outro capim. Mas a terra sentiu-se mais compactada e dura e sabia que estava horrivelmente doente. As partes mais altas estavam sulcadas pela erosão, e as mais baixas ficaram alagadas. Apareceram muitas plantas que ela não conhecia antes, mas sentiu que a queriam bem. Tentavam quebrar as lajes ou as camadas duras e recuperar a pele porosa da terra, e que agora estava com todos os poros entupidos. Mas os homens não as compreendiam e não deixavam essas plantas. Jogavam toneladas de herbicidas violentos (mata-mato), sempre mais veneno e mais veneno para matar essas amigas que queriam curá-la. No fim, sobrou somente o babaçu, uma palmeira que não se importava com o veneno.

Vieram as enchentes e depois a seca. Caiarara podia atravessar o rio a pé.

– Agora os homens vão compreender que estão te maltratando, agora vai melhorar! – disse ele à terra.

Mas os homens não compreendiam nada. Maldiziam à terra, o clima, a Deus, mas não compreendiam. Somente fizeram represas para irrigar. A terra chorou porque não merecia tanta incompreensão. O vento passou

sua mão impudica sobre a face dela, secou as lágrimas e tirou a pouca água que nela tinha penetrado.

– Deixe-me essa água – suplicou a terra.

O vento deu uma risada:

– Para quê? Se me deram caminho livre é para fazer o que me agrada.

– E os homens sabem o que você faz?

– Devem saber, mas como não se importam, por que você se importaria?

– Porque não aguento mais esse calor.

– Vai ter que aguentar muito mais ainda – respondeu o vento e sacudiu-a violentamente para poder retirar os últimos pingüinhos de água.

– Sem vergonha! – murmurou a terra, mas o vento não a ouviu ou, no mínimo, fingiu não ter ouvido.

Plantaram outro capim, e veio a cigarrinha – uma praga que suga a seiva das plantas – que o destruiu. Caiarara andava desolado pelos pastos. Lá, no chapadão, quase não havia mais nenhuma vegetação. Há oito anos, aqui, ainda havia mata virgem. Era o território da arara-vermelha. Agora havia areia branca à vista. Nem o babaçu se animava a crescer aqui. O miquinho foi ver de perto. A terra se alegrou.

– Oi miquinho, esta é a primeira alegria nos últimos dois anos.

Caiarara olhou assustado:

– Não está sentindo muito calor?

– Se estou! Já não tem mais plantas que se animam a crescer aqui. É calor demais, por causa de tanto sol.

– Antes, tinha menos sol? – quis saber Caiarara.

Parecia esquisito. O sol sempre estava no céu e brilhava, do mesmo jeito.

– Tinha menos sol. Com todo esse vapor de água e nuvens no ar que as árvores transpiravam, chegava muito menos luz solar até a mata. E sobre mim, nem pensar. Sobre a terra sempre havia uma sombra, e as árvores cresciam tanto porque procuravam a luz. Agora não precisam procurar mais, agora estão fugindo da luz – disse a terra

O miquinho se sentou debaixo de uma jurubeba e olhou pensativo:

– Você está pior que eu. Eu ainda posso procurar sombra, você não pode.

– Sei que você está mal – retrucou a terra – Mas por que você não luta por um território seu? Agora já é adulto, está com topete na cabeça que mostra sua dignidade e sua força. Lute, miquinho, lute! – e Caiarara sentiu seu ânimo e sua força voltarem.

E nunca mais ninguém viu Caiarara. Somente ao nascer do sol se escutava um grito assobiado, um pouco rouco, como o soltam os miquinhos, assegurando a posse de seu território.